

BEBÊS NASCEM POETAS

Pesquisa que investiga o impacto do teatro e da música em bebês

Hipóteses explicativas dos dados sob o ponto de vista pedagógico

Vital Didonet

Os bebês não são o último fruto de nossa árvore: são a raiz mais profunda dela.

Carlos Laredo, filósofo, teatrólogo,
criador do Teatro para Bebês

Uma das revoluções mais profundas do pensamento no último século, com repercussões também profundas na cultura, foi a da concepção de criança. A escolha do adjetivo quer sublinhar que a forma como se concebe e vê a criança modela as relações dos adultos com ela, no recinto doméstico e também na sociedade. Esse jeito de ver a criança orienta a formulação – descendente ou ascendente – das políticas públicas, e também o seu conteúdo. e, sobretudo, confirma, na educação infantil, a pedagogia que parte da criança, e não num modelo de adulto que se queira nela formar. Trata-se de uma revolução, em vez de uma simples mudança ou evolução conceitual, porque produziu uma guinada no entendimento de “quem” é a criança, do “quê” a constitui e de como ela se “constitui”, em última análise, do seu existir-sendo.

Antes, ela era vista como “não”; agora, também como “sim”. Explico: Olhava-se para o bebê e a criança pequena pelo viés da fragilidade, como um *não-ser* convocado a *vir-a-ser*, aquele que não fala (in-fans), não sabe, não consegue, não pode... ⁽¹⁾. E tudo se lhe devia dispor e ensinar; a ela era preciso, em tudo, ajudar e dela nada se podia esperar. Cuidar era o verbo exclusivo, aprender com ela, um verbo desconhecido. Tantos eram os *não* e os *in* (incapaz, incompetente, insegura, ingênua, ignorante...) que, na percepção e no comportamento do adulto face à criança, sua força e capacidade de constituir-se sujeito, estabelecer relações sólidas e profundas com o outro e contribuir, na condição de criança, com a forma como a sociedade, o governo e a própria família dispõe sua vida, ficavam suplantadas pela percepção da precariedade que o ser humano apresenta ao iniciar sua existência fora do útero materno. O adulto era o grande; a criança, o pequeno; o adulto, o que sabe e pode; a criança a que não sabe e não pode; a criança, a frágil; o adulto, o forte. O adulto, quem ensina; a criança, quem aprende.

¹ Vale reler Janusz Korczak: **Como amar uma criança**, Edit. Paz e Terra, 1983; Jean Piaget (**várias obras**); Hubert Montagner: **L'enfant et la communication – comment des gestes, des attitudes, des vocalisations deviennent des messages**, Édit. Pernoud/Stock, 1978; Françoise Dolto: **La cause des enfants**. Édit. Robert Laffont, Paris, 1985; Burthou White: **The first three years of life**, Prentice-Hall, Inc., 1975; W.D.Wall: **Constructive Education for Children**, Harrap, Londres e Unesco Press, Paris, 1975; Helen Bee, **El Desarrollo del Niño**, Edit. Harper and Row Latinoamericana, 1975.

À medida que o adulto se aproxima – no sentido físico, mas sobretudo psicológico - de um bebê esperto, vivaz, potente, curioso e mexerico, insistente e aprendente, vai percebendo que ali está alguém que é pura atividade, dinamismo incansável, exigência, o tempo todo, de atenção e cuidado, de interação e construção de significados. O fato de o bebê carecer de cuidados (nas dimensões do físico e do psíquico) não elimina o fato de que está em curso um profundo e intenso processo de autoconstrução do sujeito por si mesmo na interação com o outro, e de transposição do “real” para o núcleo interior do seu ser-no-mundo segundo um esquema mental interpretativo da realidade que ele mesmo constrói segundo as experiências que vai tendo ao estar-no-mundo. Dentro da criança, o mundo é ressignificado, reconstruído e adquire fisionomia e alma próprias. A este fato pode-se aplicar, com justo sentido, o ditado latino “*top capita, tot sententiae*” – tantas cabeças, tantas sentenças, ou, cada cabeça uma afirmação. Desse processo deriva, para os adultos, a riqueza das interações com as crianças: quantas crianças tantos mundos.

A psicologia reinterpretou o in-fans, podendo afirmar que a criança é mais do que um falante, ela é *a palavra*. A criança é o dizer do adulto, a concretização da palavra-desejo dos pais, a força de perpetuação e renovação da humanidade. Se “no Princípio era o Verbo”, a palavra está no começo. Tudo na criança é palavra, som, movimento, ação. A criança fala a si própria, de si própria. Além de ela ser palavra, possui “cem linguagens”, no dizer de Loris Malaguzzi ⁽²⁾. Ou seja, a criança fala de *cem* formas diferentes. A pedagogia da infância, uma espécie de “ciência das línguas infantis”, passou a aperfeiçoar a capacidade dos adultos de interpretar as linguagens dos bebês e das crianças pequenas e de comunicar-se com eles. Essa ciência é a “pedagoga” que conduz pais e professores à habilidade de chegar ao ser-infantil, que é inteiro abertura para o relacionamento com o outro e para o conhecimento do que o cerca.

Se a criança tem *cem* linguagens, uma delas é a da arte. Ela vê o mundo com olhos de artista, no sentido mais puro, que é da criação, da recriação e da recreação, que dizer, da criação lúdica. A criança usa as palavras como poeta, os sons como musicista; toca as coisas com a sensibilidade de artesão e escultor, joga as cores e representações com imaginação de pintor.

Cabe perguntar-nos: há uma forma de chegar a uma observação objetiva, mensurável, com valor científico, se a arte, como evento na vida dos bebês e das crianças pequenas, exerce impacto sobre seu corpo, sua mente? Se eles têm interação com o belo. Ou, nas palavras do Projeto de Pesquisa, “como atividades culturais criadas especificamente para a primeira infância e realizadas ao vivo por artistas impactam processos subjetivos de educadores e crianças que frequentam uma creche comunitária na periferia do Plano Piloto de Brasília?”.

² Alusão ao poema de Loris Malaguzzi: *Ao contrário, as cem existem*. Em: **As Cem Linguagens da Criança – a abordagem da Reggio Emilia na educação da primeira infância**. C. Edwards, L. Gandini e G. Forman. ArtMed, Porto Alegre, 1999.

Observo crianças passando diante de uma coleção de pinturas num museu, assistindo a uma peça de teatro, escutando uma sinfonia na praça e me pergunto: que estariam elas sentindo e com que intensidade? São elas tocadas pela arte? A resposta pode determinar, também, a importância da experiência artística na educação infantil.

Essas ideias e interrogações me conduziram na observação das crianças, dos adultos e dos artistas na apresentação das peças de teatro, dança e música e na leitura de fragmentos dos dados coletados pela Pesquisa “Bebês Nascem Poetas”.

O título da pesquisa é uma afirmação não porque pretenda responder antecipadamente ao que se deseja investigar, mas porque **espera** confirmar (ou não), com dados mensurados sob rigor científico, a percepção formada durante 17 anos de atuação da Cia. de Teatro *La Casa Incierta* com teatro para bebês. Uma coisa é a percepção, pelo ator, a atriz ou o músico, do estado de concentração das crianças, a sintonia delas com o que se passa na cena; outra coisa é a comprovação por meios objetivos se e quanto a cena afeta o emocional de bebês e crianças bem pequenas. Aproximar esses dois dados produz um avanço importante no conhecimento dos bebês face à arte **e da arte para bebês**.

Se a pedagogia me apoia nessa observação e me inspira na análise dos gráficos de condutividade e resistência que registram o impacto das diferentes cenas sobre os bebês, posso aventurar-me a inferir algumas constatações, ainda bem preliminares, que podem servir à pedagogia da infância e apoiar o empenho dos pais, cuidadores e professores de bebês e crianças pequenas em compreender mais um aspecto das linguagens infantis: sua capacidade de percepção, assimilação, interpretação e de interação com a arte, extensiva para a literatura infantil.

1ª observação: a atenção dos bebês – que equivale a concentração ou acompanhamento focado no que se passa no palco – é crescente à medida que a peça avança. Começa relativamente baixa e vai crescendo sem queda até o final, que, no caso das peças apresentadas, a duração era de cerca de 40 minutos.

Essa constatação põe uma interrogação sobre a afirmação de que quanto menor a criança, mais breve o tempo de concentração num objeto. Em que se baseia a ideia de que para crianças pequenas é preciso contar e ler histórias curtinhas? De que elas são capazes de prestar atenção no máximo “x” minutos, sendo logo distraídas por outro estímulo que se apresenta?

Claro que o teatro, num espaço artisticamente organizado, com ambientação sonora e de luzes, que atraem e prendem a atenção para o palco, tem vantagens sobre as atividades pedagógicas da creche e da pré-escola, espaços abertos e multissensoriais, para chamar a atenção e segurar a concentração. Seria inadequada a expectativa de que a atenção dos bebês que se observa no teatro se reproduza no cotidiano da sala de uma creche ou pré-escola, mas é adequado supor que os bebês são capazes de manter continuada atenção àquilo que se passa ao seu redor, desde que capte sua curiosidade e interesse.

2ª observação: a atenção pode se dispersar por breves momentos, em decorrência de alguma provocação externa, como ruído alto, alguém passando na frente ou vistosamente ao lado, mas retorna em seguida à cena (visual, sonora, ao som e movimento) e nela se mantém com a mesma intensidade de antes e novamente crescente.

Essa segunda constatação tranquilizaria os pedagogos sobre o clima de aprendizagem: não seria necessariamente uma condição para o interesse e atenção da criança a um assunto que não haja ruídos exteriores a ele. A criança tem uma admirável capacidade de atenção, concentração e retorno ao objeto de tal sorte que um desvio momentâneo não afeta a sequência do impacto dos estímulos sobre seu corpo-e-psyque. Significa, antes, que ela é capaz de um desvio momentâneo sem perder o foco. É comum observar-se que as crianças, absortas num brinquedo, num livro, numa atividade artística, levantem o rosto e olhem para adultos que comentam alguma coisa que interessa a elas – seu nome, alguma coisa que tenham feito, e em seguida voltem ao que estão fazendo. Os adultos pensam que podem falar ou fazer o que lhes ocorre perto da criança, que ela não escutará, não dará atenção, se estiver bem envolvida no que está fazendo. Engano...

A pesquisa *Bebês Nascem Poetas* careceria de mais observações e registros de maior duração para que se possa tirar conclusões mais consistentes sobre a duração e intensidade da atenção dos bebês. Os dados até agora coletados são precários, mas sugestivos de que a arte é coisa que puxa seu olhar a ponto de o corpo inteiro ficar imóvel, “colado” nas cenas. Eles estão muito além da mera curiosidade: interação.

3ª observação: A interação ator/atriz e crianças. O bebê não é alguém que te contempla, ouvi isso do Carlos Laredo. Ele vai contigo. Se tu te encontras com ele, ele te encanta e vocês passam a interagir mais, e com mais profundidade. Ele te leva, te desperta e tu passas a ser, em grande parte, reação à mensagem que ele te passa. Essa sensação vai transformando o teu lugar, tu entras numa dimensão de entrega. De entrega para o bebê, mas também para ti mesmo. Foi isso que observei observando as crianças de um ano e oito meses, de dois anos e meio, e as artistas, os músicos, no palco, enquanto a peça se desenrolava, conduzida por estes, vivida por aquelas.

4ª observação: A relação entre Arte e Educação Infantil. As crianças entram no teatro em silêncio, de vagar, parecendo borboletas procurando lugar para pousar. Caminham leve, observando curiosas o ambiente mágico dos panos e luzes. Parecem acostumadas a esse ritual. Acomodam-se e aguardam. Os olhos passeiam interrogadores. Quem responde a tantas perguntas? A fisionomia, os sentidos, o pensamento, a criança inteira é a resposta: isso é belo! Parece que há uma sintonia entre o espaço sagrado da arte e o sentimento da criança de apreciar a harmonia.

Se uma rodinha de crianças, na creche, escutando a professora ler ou contar uma história nos fala de sua atenção e seguimento da narração, aqui, no teatro, a concentração é maior e mais ativa: mais que ouvir, as crianças estão se posicionando física e psicologicamente, buscando os fios que tecem o lugar, decodificando os símbolos, interpretando sua linguagem. Observam e se tornam espectadoras antes

mesmo de a peça começar. Acompanham atentas, surpreendentemente, admiravelmente atentas os quarenta minutos. Não soltam os fios que as conduzem aos sentidos do que vai se apresentando. Quanto ali elas são criadoras, não sei, mas ousou supor que, junto com os artistas, músicos e dançarinos, estão criando uma história – estes, com um texto prévio e os objetos simbólicos presentes no palco; elas, com o que veem, ouvem e sentem na pele. Para mim, como observador desde o olhar da pedagogia, elas estão produzindo cultura, a cultura da infância diante da beleza.

A cultura é um direito da criança. Está dito no art. 227 da Constituição Federal. A arte, a música, a dança são direitos da criança. Direitos por serem bens essenciais de conhecimento da realidade, de expressão do mundo interior, de comunicação de um olhar e de uma verdade que gestam no seu interior. A educação infantil soube inserir a arte nas Diretrizes Curriculares, na Base Nacional Comum Curricular, no Projeto Político Pedagógico e nas experiências cotidianas nos centros de educação infantil. E dali não devem sair, nunca. Seria mediocrizar a educação infantil reduzi-la a duas ou três áreas de conhecimento (por exemplo, linguagem-matemática-ciências) e revelaria a visão medíocre que se teria sobre a criança. Se ela tem cem linguagens, a educação deve dar-lhe as oportunidades para desenvolvê-las como extensão do seu próprio corpo e de sua mente. Como ampliação do seu mundo interior, importante para si mesma, e extensão da sua dimensão social, de seu estatuto de cidadã.